

O RESPEITO À DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS.

Marlen Cristina Mendes Leandro

Escola Municipal do Recife Doutor Rodolfo Aureliano

marlenleandro@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo realizar uma discussão acerca do respeito a diversidade na Educação de Jovens e Adultos como um caminho para a construção de saberes e práticas pedagógicas que contemplem toda a diversidade presente no ambiente escolar. Nos dias atuais a diversidade é um tema recorrente no espaço escolar, respeitar e colocar em pauta esse tema é dar oportunidade para que nossos jovens e adultos (as) construam seu processo de ensino aprendizagem de maneira autônoma e inclusiva. Para a fundamentação teórica deste trabalho revisitamos alguns artigos de periódicos e livros de pesquisadores que tratam do tema proposto neste artigo e fazem reflexões acerca da diversidade no espaço escolar. Buscamos através da pesquisa bibliográfica construir uma linha de pensamento para justificar a nossa proposta de que um processo de ensino aprendizagem inclusivo na EJA passa pelo respeito as especificidades que envolve esta modalidade de ensino. Respeito este que precisa estar articulado com o currículo e o Projeto Político Pedagógico da Escola para promover uma educação inclusiva e significativa. O currículo oculto que permeia o ambiente escolar também deve ser levado em consideração no planejamento das ações educativas. A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino onde se faz necessário reconhecer o direito a uma escolarização que permeia os saberes e vivências presentes nas histórias coletivas e individuais dos estudantes. Estas histórias possuem uma diversidade que necessita permear as práticas pedagógicas propostas para a sala de aula. Os professores e professoras de EJA devem estar atentos com as transformações que cercam o ambiente escolar, precisam dar significado para o processo de ensinar e aprender. Devem estar comprometidos com o fazer e refazer pedagógico constante, para que os jovens e adultos (as) permaneçam nas escolas e acreditem que, o que aprendem no espaço escolar vai ser utilizado em suas vidas.

Palavras chaves: Diversidade, Prática Pedagógica, Educação.

O RESPEITO À DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS.

Marlen Cristina Mendes Leandro

Escola Municipal do Recife Doutor Rodolfo Aureliano

marlenleandro@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O cenário da Educação de Jovens e Adultos nos dias atuais é composto de uma diversidade que ultrapassa os muros das escolas. A diversidade no ambiente escolar é gritante e precisa ser respeitada para que saberes e práticas possuam significado para o estudante de EJA, que busca na escola o reconhecimento e o aprendizado para inserir-se no mercado de trabalho ou construir um processo de aprendizagem significativo.

Segundo Rodrigues e Abramowicz (2013) no artigo que escreveram intitulado “O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação” coloca-se que o uso do conceito de diversidade vêm sendo utilizando intensamente:

Nos últimos vinte anos, a diversidade e outros temas a ela relacionados têm sido tratados de forma central no debate internacional e nacional, nas discussões sobre o desenvolvimento e na formulação de políticas públicas, especialmente na área da educação. Tal expressão passou a ser cada vez mais frequente nos títulos de programas e ações do governo brasileiro, bem como de suas secretarias e publicações. (RODRIGUES, ABRAMOWICZ, 2013, p. 17)

Desta maneira torna-se atualíssimo levantarmos uma reflexão sobre a diversidade presente nas escolas, em especial nas turmas de Educação de Jovens e Adultos, o intuito de colocar este tema em discussão passa pelo próprio significado da palavra que nos remete a multiplicidade a variedade. Esta variedade e multiplicidade estão representadas nas salas de aulas através dos estudantes de diferentes gerações, etnias, classes sociais e religiões. Buscando ampliar esse debate e não esgota-lo que este artigo foi pensado. O discurso sobre a diversidade se faz necessário nesse século XXI, para dar visibilidade ao que Rodrigues, Abramowicz e Cruz (2011) chamam de “ascensão da diversidade”.

Somos tod@s iguais? Esse é o título de um livro organizado pela pesquisadora Vera Maria Candau, é refletindo sobre a questão que titula o livro, que

este artigo foi construído. Ao refletir sobre a diversidade presente nas escolas em especial nas turmas de EJA, fica evidente o quanto professores e professoras precisam estar preparados para lidar com as diferenças e oferecer a jovens e adultos (as) uma educação que esteja pautada na igualdade dos direitos e no respeito às diferenças, como um recurso para os planejamentos e estratégias pedagógicas inclusivas.

Sendo assim, quando falamos de diversidade estamos também falando das particularidades que envolvem esta modalidade de ensino. Os estudantes do EJA precisam ser respeitados enquanto aprendizes, segundo Freire (2002) ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, este respeito passa pela valorização e efetivação de um currículo que garanta ao estudante do EJA o contato com conteúdos que dialoguem com os conhecimentos que cada estudante possui.

Leineker (2009) afirma que é necessário que as pesquisas sobre Educação investiguem quem é o sujeito aprendiz, quais suas características e condições de aprendizagem. Essa investigação se faz necessária por que é assim, que podemos construir uma educação para jovens e adultos inclusiva.

O caminho para a construção de saberes e práticas que respeitem a diversidade dos estudantes, que coloquem na pauta das discussões pedagógicas as diferenças precisam ser alimentadas diariamente de ideias, de saberes, de práticas que envolvam os estudantes e possibilitem a todos e todas o prazer de estudar e aprender de maneira significativa.

As salas de aulas nos dias atuais tornaram-se palcos de uma diversidade que muitas vezes não é respeitada. O que fazer para lidar cotidianamente com esta diversidade? Quais práticas e saberes apresentar aos estudantes? De que maneira promover um diálogo com o universo em que os estudantes estão inseridos? Essas indagações estão presentes no cotidiano dos docentes e o presente artigo pretende explorar e refletir sobre algumas estratégias didáticas utilizadas em sala de aula que podem nortear caminhos para estas indagações.

Ao realizar a escrita deste artigo foi pensando como objetivo refletir sobre a diversidade presente nas salas de aulas do EJA, porém ao vivenciar na prática esta diversidade enquanto professora de História da EJA na Rede Municipal do Recife a reflexão foi um pouco além, passou também pela necessidade de buscar compreender quem são esses estudantes que fazem parte do EJA, qual é o perfil desse estudante que procura nesta modalidade de ensino recuperar o tempo que perdeu ao estar fora da escola por vários motivos.

O adulto (a) ou o jovem que frequenta o EJA traz uma sequência de fatores de sua

vida que passam a fazer parte da sua rotina escolar, suas vivências e histórias contribuem para a formação de sua identidade.

A identidade do estudante de EJA precisa ser reconhecida, para que o professor ou professora possa construir uma metodologia de ensino que fomente na sala de aula o respeito às diferentes identidades. De acordo com a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife/Educação de Jovens e Adultos (2015):

Na tentativa de classificar o público da EJA, pode-se afirmar que há uma grande complexidade em caracterizar o (a) jovem estudante. Estes (as) chegam às salas de aula, muitas vezes, com um histórico de fracasso em sua escolarização. (RECIFE, 2015, p. 20)

Sendo assim, este fracasso escolar em sua maioria é reflexo de uma escola que não leva em consideração as especificidades de uma turma de EJA, a diversidade de: geração, etnia, gênero e religião precisam ser trabalhadas, são estas diversidades que compõem as diferenças entre os sujeitos e precisam ser respeitadas. Como bem coloca Silva (2010) o direito à diferença é fundamental em uma educação para jovens e adultos (as).

Levar para esses adultos (as) e jovens possibilidades de aprender respeitando seu universo, sua identidade é fundamental. Paulo Freire coloca que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 2002, p.23)

Assim, é preciso dar condições para que o assumir-se enquanto sujeito transformador de sua realidade seja possível também no ambiente escolar, propiciar elementos que contemplem a diversidade étnica, de gênero e econômica que permeiam as salas de aulas é uma tarefa importante e fundamental do professor e professora que compromete-se a realizar um caminho para a construção de saberes e práticas pautados na diversidade.

METODOLOGIA

O presente artigo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica juntamente com uma pesquisa participante. Fazendo uso de textos das obras de: FREIRE (2002), CANDAU (2003), LEINERK (2009), SILVA (2010), além do livro da Política de Ensino da Rede Municipal de Educação do Recife/Educação de Jovens e Adultos (2015), foi possível fundamentar e realizar as devidas reflexões acerca do tema proposto no artigo.

Para dar continuidade ao processo de pesquisa foi utilizado o método que Prodanov (2013) descreve como pesquisa participante onde:

A pesquisa participante caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. (PRODANOV, 2013, p. 67)

A ideia de utilizar esse método como estratégia teve como foco a interação existente entre a pesquisadora e os membros pesquisados (estudantes de EJA), o presente artigo trata-se de um relato de experiência, sendo assim, o recurso da pesquisa participante coloca em foco uma proposta onde é possível durante o processo de investigação observar e interagir com as opiniões dos membros investigados, estabelecendo uma relação de troca de experiências, de vivências para explicar as temáticas investigadas.

Foram aplicados durante o I semestre do ano letivo de 2017 algumas atividades pedagógicas (vídeos, produções de textos, dinâmicas com músicas e jogos) que tinham como temáticas: as questões de gênero, étnico-racial, meio ambiente, trabalho, todos relacionados a diversidade, permitindo assim a construção das observações acerca da ideia dos estudantes sobre o respeito a diversidade dentro da escola.

A análise do conhecimento prévio dos estudantes da EJA sobre diversidade também foi utilizada como um instrumento para fundamentação teórica do artigo, assim colocamos em prática o que Freire (2002) chama de: ensinar exige respeito à autonomia do ser do educado. Em uma sala de EJA os estudantes já possuem uma história com a escola, são autônomos em suas decisões e escolhas e esta autonomia precisa ser respeitada. De acordo com Freire (2002) O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Desta maneira o trabalho realizado em sala de aula precisa estar conectado com o respeito, a autonomia e acima de tudo com o reconhecimento de que somos diferentes em vários aspectos. A proposta deste artigo remete a pensarmos em como trabalhar com essa diversidade de maneira que o respeito aos saberes dos nossos estudantes seja o ponto principal da prática pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com EJA nos dias atuais exige um comprometimento com as diferentes identidades que compõem esta modalidade de ensino. Na atualidade o público que se faz presente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos é em grande parte de adultos (as) que de acordo com a Política de Ensino da Rede Municipal do Recife (2015) retornam:

à sala de aula, não apenas com perspectivas de ascensão social, através da escolarização, mas também para agregar conhecimentos sistematizados, desenvolvimento pessoal, acompanhar a aprendizagem dos (as) filhos (as), sentir-se sujeito de direitos. Para eles (as), o que interessa é o presente, e as perspectivas apontadas pelo acesso à escolaridade em termos de melhoria de sua qualidade de vida. (RECIFE, 2015, p. 21)

Sendo assim, este público busca o acesso à escola tendo como objetivo estar em contato com novos conhecimentos, porém é preciso articular com todos os componentes curriculares e incluir o estudo da diversidade para que os saberes a serem construídos perpassem por uma educação autônoma, libertadora. Onde o acesso à escolaridade seja algo mais do que a melhoria de vida, seja o fortalecimento de suas identidades enquanto sujeitos críticos da realidade em que se encontram inseridos.

Pensando em uma educação libertadora onde o estudante tenha voz e suas colocações e ideias seja o ponto de partida para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem as aulas de história de uma turma de EJA da Escola Municipal do Recife Doutor Rodolfo Aureliano passou a contemplar a discussão sobre a diversidade.

Como afirma Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011), a temática da diversidade tornou-se durante a década de 1990 um tema transversal do ponto de vista curricular, trazido para discussão pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o documento foi de suma importância para colocar no cenário nacional temáticas como a pluralidade cultural dando ênfase ao debate sobre as diferenças presentes na sociedade

brasileira e a importância que esta temática possuía dentro da escola e precisava de visibilidade para estar presente não só nas aulas de História e Geografia mais dialogando de maneira interdisciplinar. Uma outra observação colocada sobre os PCNs é:

Logo de início o documento afirma que a educação deve ser voltada para a cidadania, os vários termos como Ética, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural são tratados como temas a serem incorporados, seguindo uma conexão entre a realidade social dos estudantes e saberes teóricos, aos campos gerais do currículo. (ABRAMOWICZ, RODRIGUES, CRUZ, 2011, p. 90)

Nesta perspectiva o PCN é o primeiro documento que afirma a importância do respeito a diversidade dentro do ambiente escolar. Traz um discurso que coloca em pauta os diversos olhares sobre temas atuais que estão presente na escola. É analisando esta perspectiva que buscou-se colocar nas práticas pedagógicas vivenciadas nas turmas de EJA o contato com esta diversidade levando em consideração o trabalho interdisciplinar e incorporando os temas com os saberes dos estudantes e com sua realidade cotidiana.

Em alguns momentos a estratégia utilizada foi uma roda de diálogo, a finalidade dessa atividade foi conhecer e escutar o que os estudantes sabiam sobre diversidade. Em seguida o que foi dito pelos estudantes foi relacionado as pesquisas de autores como: Candau (2003), Rodrigues (2013) e Abramowicz (2013).

Muito do que foi conversado e dito pelos estudantes do EJA, refletiam suas experiências de vida, muito dos preconceitos colocado nas discussões refletem uma educação pautada ainda no eurocentrismo e na heteronormatividade que ainda é muito forte nas salas de aula.

Partindo das palavras de Candau (2003):

Os preconceitos são realidades historicamente construídas e dinâmicas; são reinventados e reinstalados no imaginário social continuamente. Os preconceitos atuam como filtros de nossa percepção, fortemente impregnados de emoções, colorindo nosso olhar, modulando o ouvir, modelando o tocar, fazendo com que tenhamos uma percepção simplificada e enviesada da realidade. (CANDAUI, 2003, p. 17)

Os preconceitos colocados pelos estudantes durante as rodas de diálogos evidenciavam em muitos casos a falta de informação, refletiam o universo, as vivências culturais e sociais dos mesmos. Tratar em sala de aula sobre esses preconceitos que Candau (2003) afirma que

são construídos historicamente é visualizar caminhos para que reflexões sejam elucidadas.

Sendo assim, a realidade enviesada desses estudantes começou a ser desconstruída com a proposta de vivenciar atividades pedagógicas que estimulassem a discussão filtrando os conceitos elaborados pelos estudantes durante suas vidas.

Foi proposto aos estudantes de uma turma de EJA com cerca de 20 alunos (as) que assistissem ao curta-metragem *Xadrez das Cores* uma produção brasileira do diretor Marco Schiavon produzido em 2004. O filme trata da relação entre uma mulher negra (empregada doméstica) e outra branca (patroa), essa relação reflete todo racismo histórico que faz parte do cotidiano de nossa sociedade.

Realizando uma análise das representações sociais mostradas no filme os estudantes foram capazes de perceber o quanto as atitudes racistas ainda se fazem presentes em nossas escolas e não percebemos por que naturalizamos algumas atitudes como normais. Após um debate inicial foi distribuído aos estudantes uma lista de questões (Tabela 1) que foram respondidas, em seguida uma roda de conversa foi realizada para que as impressões sobre o filme e sobre textos lidos e produzidos por eles e elas fossem socializados.

TABELA 1

Após assistir ao filme *xadrez das cores* responda as questões abaixo:

- 1. Qual é o tema do filme?**
- 2. Qual(is) aspectos (s) do filme chamou mais sua atenção?**
- 3. O tema abordado e a forma como foi exposto causou algum sentimento de indignação, agressão ou descontentamento? por que?**
- 4. Identificou a mensagem ou mensagens do filme? descreva-a.**
- 5. Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? descreva as cenas que você achou especialmente fiéis à realidade.**

As respostas as questões tinham como base o conhecimento prévio dos estudantes e as informações adquiridas durante as rodas de diálogos. Muitas das colocações dos estudantes estavam relacionadas as experiências pessoais (Tabela 2), já que em sua maioria o público da EJA é constituído de pessoas do sexo feminino, negras que exercem atividades domésticas ou trabalho informal.

TABELA 2

Respostas de alguns estudantes após assistirem ao filme Xadrez das Cores.

- 1. Racismo, preconceito**
- 2. As humilhações sofridas pela empregada doméstica.**
- 3. Indignação por causa das humilhações que empregada sofria no trabalho.**
- 4. Independente de raça, cor ou situação financeira podemos ser melhores do que nos dizem ser.**
- 5. Sim. Na verdade essas cenas hoje em dia são bem assim, mas amei a diferença que a funcionária fez com as crianças na comunidade.**

As colocações dos estudantes em relação as questões trabalhadas reverberam a situação que os mesmos estão acostumados a conviver no dia a dia, parte do público do EJA convive com situações de humilhações no trabalho. A partir do momento que discussões sobre temas que estão relacionados ao universo dos jovens e adultos (as) passam a fazer parte das atividades desenvolvidas na sala de aula o prazer em estar na escola é percebido.

Silva (2010) coloca em seu livro *Juventude negra na EJA: o direito à diferença*, “que a diferença racial está presente nas relações cotidianas dos jovens de EJA e ocorre de forma satírica através do humor e da zoação”. (SILVA, 2010, p. 97). Essa afirmação do autor nos mostra que os jovens e adultos (as) possuem uma ideia de pertencimento étnico-racial baseada na negatividade que é o reflexo da falta de visibilidade que durante décadas foi dado a diversidade dentro das escolas.

Nilma Gomes (2001) diz que “do ponto de vista biológico somos todos iguais mais no contexto da cultura, da política e nas relações sócias, a “raça” não pode ser desconsiderada” (GOMES, 2001, apud SILVA, 2010, p. 98). Da mesma maneira deve ser em relação as questões de gênero e de religião, a diversidade deve ser colocada em primeiro plano para que o respeito seja construído cotidianamente.

A modalidade de ensino do EJA lida cotidianamente com desafios que vão além das questões pedagógicas, as questões sociais e emocionais fazem parte do fazer e ensinar dos docentes da EJA. Problemas estruturais dentro da escola, a falta de profissionais qualificados, material pedagógico inadequado, são alguns dos problemas que esta modalidade de ensino enfrenta. Refletir sobre esses problemas consiste em criar estratégias que superem as adversidades que muitas vezes parecem não ter solução.

CONCLUSÕES

A escola brasileira possui o fundamento que baseia-se em uma escola para todos, onde todos podem ter os mesmos direitos, coloca-se que todos são iguais, porém este “todos” precisa ser repensado, políticas educacionais que não respeitam a diversidade devem ser repensadas partindo do que as autoras Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) colocam que: “cabe intensificar as diferenciações, incitá-las, criá-las, produzi-las”, desta maneira é possível construir uma escola inclusiva que busca através do respeito a diversidade o caminho para uma aprendizagem significativa.

A ideia inicial para escrever este artigo partiu das observações realizadas em sala de aula, porém o universo da diversidade vai além do ambiente escolar, no momento que entramos na sala de aula diariamente nos deparamos com uma realidade que reflete muito da situação socioeconômica do lugar de convívio dos estudantes que fazem parte das escolas públicas. Estar a par destas situações é compreender que as relações na escola perpassam os muros, que estão muito além dos conteúdos dos livros didáticos ou do currículo oficial, é preciso compreender o currículo oculto que nos mostra a diversidade gritante de nossas salas de aulas. As autoras Gomes e Silva (2011) afirmam que:

Quanto mais complexas se tornam as relações entre educação, conhecimento e cotidiano escolar; cultura escolar e processos educativos; escola e organização do trabalho docente mais o campo da Pedagogia é desafiado a compreender e apresentar alternativas para a formação dos seus profissionais. (GOMES, SILVA, 2011, p. 11)

Essas relações entre educação, conhecimento, cotidiano e cultura escolar refletem nos processos educativos postos nas salas de aulas cotidianamente, é um desafio constante preparar nossos jovens e adultos (as) para enfrentar o mundo competitivo que está à nossa volta. E cabe aos professores e professoras estarem atentos com as mudanças e dispostos a aprender e ensinar de maneira que as novidades e transformações do mundo globalizado esteja dentro da sala de aula e ao alcance do público da EJA.

O respeito a diversidade no espaço escolar perpassa também pela formação dos professores e professoras e deve ser pauta do projeto político pedagógico da escola que deve conter em suas ações uma proposta pedagógica que tenha o respeito a diversidade permeando todas as ações educativas.

Efetivar uma educação de qualidade passa pela vivência de relacionar o que se aprende na escola com a pluralidade cultural existente em nossa sociedade. Candau (2003) afirma que “a escola está chamada a colaborar muito nesta perspectiva, mas não é onipotente. Somente na articulação entre práticas educativas, culturais e político-sociais é possível avançar.” Porém este avanço faz parte de um trabalho coletivo e interdisciplinar, é pensando em propostas pedagógicas inclusivas que torna-se possível a construção de saberes e práticas significativos.

REFERENCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane; Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. **A diferença e a diversidade na educação. Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2. p. 85-97.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Pluralidade Cultural**. Brasília: MEC, 1997.

CANDAU. Vera Maria. (Org.). **Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Publicação original 1996. SP: EGA. Digitalização 2002.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. (org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2011. – Coleção Cultura Negra e Identidade.

LEINEKER, Mariulce da Silva Lima. (Org.). **EJA: diversidade e contexto histórico**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano. (Org.) **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECIFE. **Secretaria de Educação. Política de Ensino da Rede Municipal do Recife: educação de jovens e adultos/** organização: Élia de Fátima Lopes Maçaira, Jacira Maria L’Amour Barreto de Barros, Katia Marcelina de Souza. Recife: Secretaria de Educação, 2015.

RODRIGUES, Tatiane; ABRAMOWICZ, Anete. **O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação**. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra na EJA: o direito à diferença**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.